

# CHOPIN CARIOCA

*Obra do compositor Ernesto Nazareth mistura o refinamento técnico da música de concerto com elementos populares*

ALEXANDRE PAVAN

Todas as 229 composições de Ernesto Nazareth foram escritas para piano. Porém, ele só foi ter um instrumento decente aos 63 anos, doado por amigos de São Paulo, depois de uma temporada na cidade. Até então, os pianos que usava eram de amigos, alunos ou de lojas de música onde trabalhava.

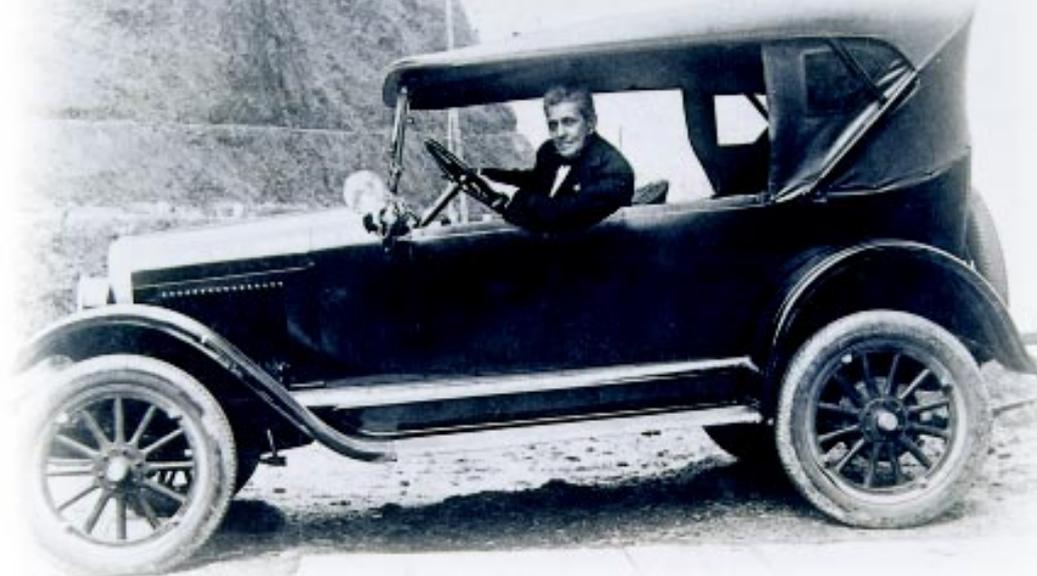
Nascido no Morro do Pinto, no Rio de Janeiro, em 1863, Ernesto Júlio de Nazareth era filho de um despachante aduaneiro e de uma pianista amadora, de quem herdou o gosto pela música de Chopin e pelo virtuosismo no instrumento. Aos dez anos de idade, ficou órfão de mãe e, na mesma época, sofreu uma queda que provocou hemorragia no ouvido direito, causando problemas auditivos que o acompanhariam pelo resto da vida.

Aos 14 anos, escreveu sua primeira composição, a polca-lundu *Você Bem Sabe*, que já revelava seu grande interesse pelos gêneros populares. A riqueza rítmica da peça fez com que fosse publicada e, daí por diante, Nazareth tornou-se músico profissional. A intenção do pai era enviar o filho à Europa para aperfeiçoar

os estudos pianísticos, mas por falta de recursos o projeto foi cancelado.

A falta de dinheiro foi constante na vida de Nazareth. Já adulto, era obrigado a executar acrobacias mais virtuosas que suas peças musicais para poder sobreviver. Além de professor de piano, se apresentava em clubes que detestava e acabou arriscando até mesmo o serviço público – em 1907, conseguiu ser nomeado escriturário do Tesouro Nacional, mas não foi efetivado no cargo por não dominar o idioma inglês.

Apesar das dificuldades financeiras, Nazareth continuava compondo. Mesmo sem o merecido reconhecimento, ia cristalizando a linguagem urbana da música brasileira. “Nazareth imprimiu à rítmica incipiente das polcas-lundus um caráter tão preciso, sistematizando e enriquecendo-a com uma tão grande variedade de fórmulas, empregou nas suas composições uma ciência rítmica, uma beleza harmônica e uma tal riqueza de invenção melódica que o tornam de fato o expoente máximo da música popular brasileira e um autêntico precursor



Ernesto Nazareth em São Paulo em 1926.  
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – DIVISÃO DE MÚSICA E ARQUIVO SONORO

da nossa música erudita de caráter nacional”, escreveu o musicólogo Brasília Itiberê.

Essa característica da obra de Ernesto Nazareth trouxe mais problemas do que dividendos ao autor: o povo não gostava muito de suas composições, porque não eram dançáveis, e os estudiosos torciam o nariz por considerarem as peças com pouco valor como obras de concerto.

Durante um bom período, garantiu o aluguel como pianista da sala de espera do Cine Odeon, na Avenida Rio Branco. Como de costume na época, os espectadores se dirigiam ao cinema cerca de uma hora antes do filme começar para ouvirem os instrumentistas tocarem. No Odeon, também se apresentava a pequena orquestra do maestro Andreozzi, da qual Heitor Villa-Lobos era violoncelista.

Esse trabalho inspirou Nazareth em uma de suas peças mais conhecidas, intitulada *Odeon*. Outras obras de referência são *Tenebroso*, *Apanhei-te*, *Cavaquinho* e *Fon-Fon*. O compositor transitou pela valsa, marcha, choro e tango. O nome tango foi usado no Brasil antes da Argentina, porém as peças de Ernesto Nazareth classificadas desta forma nada têm a ver com a música portenha. Era apenas uma denominação mais aceitável, sob a qual o autor escondia as afinidades de sua obra com os gêneros populares – como o maxixe, uma espécie de pai do samba –, aumentando as chances de ela ser editada. Alguns tangos de Nazareth tiveram relativo sucesso, o que não quer dizer que tenham lhe rendido muito dinheiro. Segundo a praxe da época, quando as editoras compravam as peças, ficavam desobrigadas de repassar o lucro das vendas para os compositores.

Em 1917, o diplomata Paul Claudel (irmão da escultora Camille Claudel) transferiu-se para a embaixada francesa no Brasil e trouxe como acompanhante o compositor Darius Milhaud. Embora



Ernesto Nazareth. *Cavaquinho porque choras?* Editora. Mangione (SP - 1926) e Casa Carlos Gomes (SP-s/d).  
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL –  
DIVISÃO DE MÚSICA E ARQUIVO SONORO

tenha sido apresentado aos ilustres autores brasileiros da época, Milhaud surpreendeu-se mais com os sons da rua do que com aqueles das salas de concerto. “Seria de desejar que os músicos brasileiros compreendessem a importância dos compositores de tangos, de maxixes, de sambas e de cateretês, como (*Marcelo*)

Tupinambá ou o genial Nazareth”, anotou o francês.

Realmente, o pianista carioca deve tê-lo impressionado, afinal, anos mais tarde, trechos dos tangos brasileiros *Brejeiro* e *Escovado* seriam aproveitados por Milhaud em sua suíte *Le Bœuf Sur Le Toit*. Pena que o francês tenha se esquecido de mencionar na partitura o nome de Nazareth, que mais uma vez não lucrou nada com a história.

Em seus últimos anos, Ernesto Nazareth teve o problema de audição agravado, mas, por motivos econômicos, não pôde parar de tocar. Quando se sentava ao piano, era obrigado a debruçar-se sobre o teclado para tentar capturar o som das notas que lhe fugiam. Em 1932, durante uma turnê no Uruguai, começou a apresentar os primeiros sinais de distúrbios mentais. De volta ao Rio, passou por vários períodos de internação. Às vésperas do carnaval de 1934, escapou do manicômio e ficou desaparecido por 3 dias. Foi encontrado morto – por afogamento – próximo a uma cachoeira.

#### DISCOGRAFIA

SEMPRE NAZARETH (Kuarup),  
de Maria Teresa Madeira (piano) e Pedro Amorim (bandolim)  
ERNESTO NAZARETH – 2 VOLUMES (Sonhos e Sons – Série Mestres Brasileiros), de Maria Teresa Madeira (piano), Marcus Viana (violino) e Sebastião Vianna (flauta)  
ARTHUR MOREIRA LIMA INTERPRETA ERNESTO NAZARETH – 2 VOLUMES (Marcus Pereira), de Arthur Moreira Lima (piano)  
RADAMÉS & AÍDA INTERPRETAM NAZARETH E GNATTALI (Kuarup),  
de Radamés e Aída Gnattali (piano)  
Inclui obras de Radamés Ganattali

ALEXANDRE PAVAN

Jornalista, co-autor com Irineu Franco Perpétuo do livro “Populares e Eruditos” e colaborador da revista *Carta Capital*.